

Capitão João Rolha, navegador exacto das águas do Guadiana, escusa o bote motorizado aos baixios do rio, conduzindo-nos seguros pelas quase cinco milhas náuticas até ao cais de Mértola com o sonar da sua ciência intuitiva. Largámos há pouco do porto fluvial da aldeia do Pomarão, até aos anos 70 embarque da pirite extraída da vizinha Mina de São Domingos. Capitão João Rolha interrompe a navegação e saúda os espanhóis no bote, visitantes frequentes deste Alentejo fronteiriço, mas é breve porque precisa de estar em sintonia com o timoneiro. Seguimos firmes, não atolamos em bancos de areia. Uma cegonha preta passa no cimo e o capitão chama-nos a atenção, já que são raras de se ver, e por isto diz-nos que estamos com sorte. Temos a certeza. Respeitamos o nosso capitão. Na verdade, ele não é capitão nenhum, nós é que gostamos de chamá-lo assim: é o profissional de turismo João Rolha, filho da terra realmente conhecedor destas águas e empenhado promotor destas riquezas naturais alentejanas — o rio Guadiana, a fauna e a calmaria do Verão. Vamos ainda em frente, entramos na mais bonita curva do curso e a vila de Mértola apresenta-se-nos. A viagem terminou. A viagem começou.

Subimos ao cais e estamos no caleidoscópio do tempo. Hoje começa o Festival Islâmico de Mértola, que acontece de dois em dois anos. Junto ao cais montaram o palco para os artistas do evento. O festival corresponde a quatro dias muito particulares, durante os quais as ruas da vila se transformam num souk, num desfile de concertos de toda a sorte de música mediterrânica que vai do castelo a este cais e em dezenas de outros momentos de cultura. Mértola, no passado capital do Mare Nostrum pela sua proeminência fluvial, celebra-se como coração ibérico da eterna mistura das culturas europeia e muçulmana. Os vários núcleos museológicos trazem aqui durante todos os anos milhares de visitantes. Vamos por isso até aí, à perenidade da memória.

O nosso jovem capitão transfere-nos para outro anfitrião, o arqueólogo Cláudio Torres. Entrámos na muralha, nas ruas apertadas e caminhámos até à casa principal do Campo Arqueológico de Mértola. O historiador vai contar-nos tudo que importa.

## [DDET LER MAIS]

Chegar

Cláudio Torres recebe-nos da forma que trata todos os apaixonados por Mértola: como amigos. É um dos mais distintos arqueólogos portugueses, homenageado em 1991 com o Prémio Pessoa, um muito relevante galardão cultural, e a ele se deve a exploração de Mértola e sua transformação numa vilamuseu de características únicas para o conhecimento da história do Mediterrâneo, de importância internacional, e mesmo com alguns elementos sem paralelo neste âmbito. O professor e a sua equipa trabalham aqui há 30 anos, desenvolvendo um trabalho especialíssimo – está para este universo como o conhecido Zahi Hawass, do Conselho Superior de Antiguidades, para a arqueologia egípcia.

E, no entanto, é fácil encontrá-lo eruzando as ruas de Mértola conversando com os locais, embrenhado no quotidiano e sempre disponível para os curiosos.

Nesta vila em que tudo começou na Idade do Ferro, por volta de 1200 a.C., olhamos para dentro. "O Mediterrâneo é a história do Homem", diz Cláudio Torres. "Pertencemos [os povos mediterrânicos] todos ao mesmo, à mesma forma de comer, de funcionar, de sentir, e a descoberta arqueológica tem ajudado a esta compreensão." A vila de Mértola mostra-nos vestígios monumentais dos tempos românicos e islâmicos, mas também mais antigos, fenícios e púnicos. O rio Guadiana, que desagua nas águas atlânticas do Algarve, delimitando a fronteira sul entre Portugal e Espanha, termina aqui o seu troço navegável. A vila – Myrtilis, assim chamada durante Roma – foi estratégica nas conquistas da região e ponto de entrada de produtos de luxo na Península Ibérica. Tudo isto pode ser aprendido nos 15 núcleos museológicos de Mértola, que vão da Antiguidade à Idade Média – basta entrar, por exemplo, na Casa Romana, na Antiga Mesquita, na Acrópole, na Basílica Paleocristã, no Castelo e na Alcáçova ou admirar a imponente Torre do Rio.



A contaminante presença muçulmana, popularizada pelo Festival Islâmico, está claramente em todo o lado. "Desde os anos 50 que se começou a olhar para o Sul", realça Cláudio Torres, "começando pela culinária – foi-se percebendo que as dietas mediterrânicas fazem bem à tripa! A curiosidade começou por aí e hoje, indubitavelmente, esta cultura está na moda. Toda a gente quer conhecer e perceber. O interesse não é só académico." Não é mesmo: o desenvolvimento arqueológico de Mértola atrai cada vez mais visitantes e é a razão central da criação de novas fontes de rendimento para os habitantes. Cláudio Torres, que estabeleceu sempre uma relação próxima como o poder local, sabe disso como ninguém. Diz: "O Campo Arqueológico não é apenas um projecto académico. Também é político e social". E diz mais: "O turismo de sol e praia está a acabar, mas não vai acabar – e felizmente que não. Mas tem de haver uma complementaridade. As pessoas estão a torrar ao sol, mas tem de haver mais, têm que fazer uns intervalos. E é nesses intervalos que se consomem factos culturais. Já sabemos que hoje isto é mais importante que qualquer outra coisa. Nunca ninguém iria pensar que este tipo de turismo iria funcionar, e a verdade é que aqui funciona."

Depois, sempre, é Mértola mostrando-nos a nós próprios. "Aqui estamos todos", o arqueólogo explica, para falar da síntese do passado desta parte do mundo. "Já fomos aqui cristãos, cristãos-não católicos, já fomos muçulmanos, já deixámos de o ser...". Basta passear pela vila para não duvidar disto.